



DUQUEZA DE PALMELLA

(IN MEMORIAM)

Separata do «*Jornal do Commercio*» do Rio de Janeiro

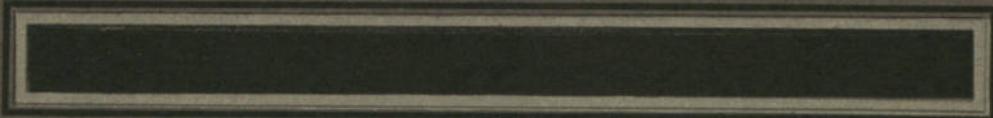
POR

D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

LISBOA

TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO

1910



A' Bibliotheca Nacional

989
17850

3 ofere esta "Segueta";

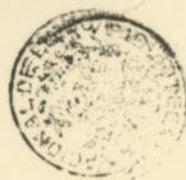
Luis Vaz de Camões

Ver direcco

243/42.

DUQUEZA DE PALMELLA

OFERTA



198503

DUQUEZA DE PALMELLA

(IN MEMORIAM)

Separata do «*Jornal do Commercio*» do Rio de Janeiro

POR

D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

R. 46044

LISBOA
TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO
1910

EXPLICAÇÃO PRÉVIA

Para resguardar do rapido esquecimento—destino fatal de tudo que se confia ás folhas ephemerias do jornalismo diario—as palavras que vão ler-se, palavras consagradas a uma memoria illustre, quiz o enlutado coração dos Dois que mais inconsolavelmente ficaram a choral-a, encerrar n'este pequeno folheto o que é a essencia de uma saudade infinita.

Pallidos reflexos de luz intensa que se extinguiu, imagem descolorida de uma figura de sublime encanto, essas palavras só valem pela sinceridade que as dictou.

Os que amaram a formosa individualidade a que ellas prestam homenagem, acharão aqui um «instantaneo» que, embora imperfeito, lhes falle ao coração.

Assim o julgaram os que, mais do que ninguem, tinham direito de julgar, e por isso este folheto se publica.



A scena portugueza, que ella enchia com o prestigio incomparavel da sua magestosa individualidade, acaba de desaparecer uma das figuras mais estheticamente bellas e mais moralmente superiores que á raça portugueza, em tempos de hoje, foi dado produzir.

Á hora em que escrevo, milhares de amigos que d'ella se orgulhavam, milhares de desvalidos que ella protegia, milhares de admiradores, que de longe a seguiam com extranho enlevo, vão—pelas ruas de Lisboa, que a conheceram tanto—conduzindo á ultima jazida aquella que se chamou Maria de Sousa Holstein, Duqueza de Palmella.

E eu, com os meus olhos cheios de lagrimas, aqui, na linda casa debruçada sobre a bahia azul, que ella, qual princeza de um conto de fadas, mandára erigir para a trabalhadora extenuada, cujos nervos o mar acalma e anesthezia, eu, n'este momento de tão mortal tristeza, estou recordando, com saudade sem nome, os traços mais notaveis e mais profundamente individualizados da imagem adoravel, para sempre, ai! meu Deus! para sempre desaparecida!

Vi-a hontem pela ultima vez, bella, da belleza suprema dos marmores, que o genio esculpiu; na immobillidade augusta que só a Morte, a grande artista, sabe imprimir aos que soffregamente elege para si.

Como me pareceu envolta em mysterioso encanto aquella nobre figura de mulher!

Repousava serena, dôcemente adormecida, sobre as preciosas rendas do travesseiro, como que a reparar a fadiga da longa caminhada atravez da immensa Dôr humana, que ella tanto buscou, na ancia fervida de a consolar.

Os seus cabellos, que tinham sido de um loiro da Scandinavia, patria dos remotos avós, e que a vida e os fremitos de uma sensibilidade sempre vibrante e dolorosa foram lentamente polvilhando de neve, pareciam alli, na camara, onde refulgia apenas a luz tremula dos cyrios, outra vez os cabellos esplendidos da sua mocidade, leves, fôfos, doirados, emmoldurando-lhe em ondas suavissimas o pallido perfil.

Os seus olhos azues, em que a luz interior se concentrava, estavam cerrados, sob as palpebras de cêra, de um desenho classico.

Viram tanta miseria, sondaram tanta dôr, inclinaram-se sobre tanta agonia de alma, reflectiram tantas angustias, choraram por tantas maguas alheias aquelles olhos formosissimos, que por bem ganha tinham agora essa paz beatifica com que se furtavam ás lagrimas que alli corriam em ondas silenciosas.

Não viam a dôr do nobre, velho e alquebrado companheiro; não assistiam á tortura da filha, que tão sublimemente a soube amar, nem ás primeiras lagrimas

d'esses netos que eram o ultimo e divino enlevo da sua vida fadigosa.

Oh! ella daria tudo para não os ver chorar!

As mãos, as bellas mãos, affeitas a modelar o barro, dando ao bloco rebelde, fórma, movimento, calor e vida, e a pousar cariciosas sobre a cabeça das creanças sem mãe, e a derramar balsamos sobre as chagas dos humildes, e a amparar a força dos que desfalleciam no caminho, as mãos de artista e de fidalga, mãos de força e de energia, mãos de ternura e de piedade, cruzavam-se, finalmente, inertes sobre o peito em que batera um coração tão grande de mulher!

Estavam descançadas, ociosas, as mãos infatigaveis, que se tinham movido flexiveis e geniaes no trabalho, que se haviam erguido ardentes na oração, que nunca o desalento fizera cahir inermes, nem o pessimismo paralyzára para o bem, que nunca deixaram de estender-se, celeres como azas, quando havia um infortunio a confortar, uma esmola de amor a levar á desgraça, um auxilio a prestar, delicadamente, quasi a medo, a quem luctava, já cançado, nas ondas d'este mar tenebroso chamado a vida!

A bocca rasgada, de insinuante sorriso aberto em flôr, que alentára esperanças, louvára iniciativas, suscitára energias, despertára virtualidades occultas, que soubera falar-nos á intelligencia e ao coração, a bocca sincera, expressiva, que era uma feição seductora do seu rosto, estava agora fechada e triste, como que tendo acabado de dizer a Deus um ultimo segredo que só Elle ouviria...

Calára-se para o mundo. Não mais daria ao artista

desalentado a consciencia do seu poder, nem ao pobre a compensação da sua humildade, nem aos amigos a doçura do seu applauso. Não consolaria, não sorriria a mais ninguem.

Pallida, bella, rejuvenescida pela graça mysteriosa, diffusa em todo o seu sêr, no momento fugitivo que lhe precedia a cruel dissolução, ella appareceu-me, a mim que a ameí na complexidade maravilhosa da sua natureza feita de elementos tão variados e todos tão distinctos, como a imagem de alguma cousa de mais empolgante do que a Vida, de mais transcendente e ignoto do que a Morte.

Nos poucos dias ou annos que me restam para ir descendo, acompanhada de tantos phantasmas queridos, a ingreme ladeira ao fim da qual está sempre a mesma cova profunda de escancaradas fauces, eu hei de vê-la muitas vezes, tal como hontem a vi, n'uma tarde melancholica de Setembro, em Cintra, n'essa Cintra das aguas cantantes, dos penhascos e das flô-res, a Cintra que ella tanto amou e em que as folhas se vão já despegando das arvores com um murmurio dôce, subtil, de despedida e de saudade...

Attrahe-me mais assim, mysteriosa como esphinge na calma sobrenatural do ultimo somno, do que nas horas tão saudosas do passado remoto, em que ella era nova, bella e triumphante, e tinha o encanto irresistivel da sua altiva e deliciosa personalidade.

É que só diante dos que morreram nós pudemos bem apreciar e medir o valor que em vida os exaltou! A morte n'este sentido é uma glorificadora! Como diz um grande escriptor, *só ella aperfeiçoa os mais perfectos.*

As palavras que precedem, escrevi-as hontem, sob a impressão esmagadora e profunda do meu ultimo encontro na terra com a extraordinaria mulher que foi a Duqueza de Palmella.

Lembro-me agora, porém, que o Brazil, para onde escrevo, a não conhece tanto e tão bem como Portugal inteiro e principalmente Lisboa a conheceram.

Viram, é certo, que o jury d'esse paiz recompensou com altas distincções os seus trabalhos de Arte, na Exposição do Rio de Janeiro; mas esse era apenas um dos aspectos da sua individualidade superior.

De feito, se fosse pobre, em vez de ter nascido em berço d'ouro, a Duqueza de Palmella poderia ter vivido largamente do seu escopro de esculptora. Não era uma *amadora*; era uma grande e conscienciosa artista.

Attesta este meu asserto a sua obra vasta e variada, desde o *Diogenes*, uma *academia* de rigorosa correcção plastica, até á *Virgem*, de uma tão extranha e bella emoção sentimental.

Entre estas duas producções, quantas bellas cousas realisadas com primor de execução e com raro sentimento de arte!

A linda e scismadora *Sulamite*, aquella cujo *cora-*

ção véla, mesmo quando os seus olhos dormem; a *Alegria*, seductora, risonha e leve como uma manhã da Andaluzia; a doce *Pretinha*, em que se traduz toda a ingenua doçura, toda a innocente garridice de uma raça; o busto austero de Sá da Bandeira, d'esse *Bayard* portuguez, que ella tão de perto conheceu e que foi um dos melhores e mais fieis amigos do seu famoso Avô, e depois de seu marido; e o medalhão da *Baroneza de Leibzeltern*, modelado n'uma hora de tão feliz inspiração, com dêdos cariciosos, leves, delicados, dêdos de amor, que só sabem ter os artistas verdadeiros. E o *Genio*, em bronze, radiosa figura de adolescente, que parte de facho acceso á conquista do mundo, achando o mundo pequeno, para o seu viril impulso de heroe!

E a *Santa Thereza*, não a da lenda, absorta em extasis, mas a mulher grave, pensativa, impenetravel, alma de fogo sob o imperio de uma vontade indomavel que lhe subjuga as aspirações ardentes, e faz d'ella a reformadora de uma ordem, a creadora de uma nova fórma de mysticismo activo e util!

E depois de ter feito todas estas bellas cousas que ahi ficam attestando o seu alto valor de artista, é que ella creou, n'um symbolismo de graça penetrante, a sua *Virgem*, de que já fallei. Aquella que ao pressentir a onda da desgraça humana, da tumultuosa Dôr humana, a subir sem dique que se opponha á sua força devastadora e cruel, se inclina anhelante, com o filhinho nos braços, offerecendo ás multidões que choram, incontaveis como as areias do mar, ou como as estrellas do ceu, o seu Cordeiro innocente, o puro Redemptor que as vae salvar...

Que bello movimento de inspiração toda moderna, o d'essa *Virgem* que a notavel esculptora deixou por concluir!...

Apezar de tanto que trabalhou e de tanto que amou a sua arte, nunca se contentava aquelle espirito sedento de perfeição e digno de attingil-a.

Modesta em tudo que pertencia á ordem intellectual e artistica dos seus trabalhos, não havia meio de ter confiança em si propria!

E no emtanto, em Paris, em Lisboa, no Rio, em outras exposições, ella teve sempre recompensas subidas e medalhas das mais honrosas.

D'estas se orgulhava bem mais do que da nobreza herdada, da corôa ducal que cravejavam pedrarias, da opulencia em que nascera e se movia tanto á vontade, da posição eminentissima que occupava na Côrte de Portugal.

Amiga desvelada da Rainha, fiel e valente na hora do perigo, é hoje chorada no Paço Real pela heroica e desventurada mulher que cinge a corôa régia como quem cinge uma corôa de espinhos, e pelo Rei, cuja esperançosa mocidade, cujo character nobre e levantado, cujo amor da justiça e do dever a enterneciam, e que tão cedo teve de arcar com terriveis problemas que elle procura resolver, dando-se todo á sua ardua missão n'uma especie de illuminismo inspirador.

Esta creança Real, que é hoje o nosso refugio unico, amava filialmente a duqueza. Este inverno quizera ir jantar com ella no seu palacio do Rato, e na ultima

vez que a sua nobre amiga se sentou á mesa, foi n'outro jantar inteiramente de familia, partilhado pela Rainha e pelo Rei de Portugal!

Honravam Elles ambos com a sua presença a mesa hospitaleira dos Duques e davam assim, aos dois, mais um signal de affecto intimo e de alta e justissima e bem merecida consideração.

Em toda a sua enfermidade, que durou trez semanas, a Duqueza foi visitada assiduamente pela Rainha e pelo Rei. E estou bem certa que este, nobre, puro, como é, nunca esquecerá mais tarde aquella bella e decorativa figura da aurora do seu reinado, dentro da qual florescia em riquezas, raramente conjunctas, taes qualidades de nobreza e lealdade, de generosa e grande raça.

A sua caridade tão grande, tão maravilhosa, era um instincto do coração, um desejo devorador sempre satisfeito e nunca saciado, mas era tambem, ao lado d'esse espontaneo impulso, um pensamento de justiça social, a que obedecia com racionada e intelligente tenacidade.

Julgava-se depositaria da sua grande fortuna, que a par de innumeradas regalias lhe trouxera tambem responsabilidades tremendissimas.

Sabia que, se os desgraçados teem desculpa de ser injustos e invejosos, ás classes dirigentes cumpre dar o exemplo da indulgencia, da generosidade e do sacrificio. São os que mais sabem que mais devem perdoar e comprehender...

Parecia-lhe que se todos os ricos tivessem a consciencia plena do seu alto dever, a questão social nunca se agravaria n'um paiz como o nosso, em que, não existindo a grande industria, não deve existir tambem essa visão dantesca que em toda a parte a acompanha e segue: a da legião famelica e desesperada do grande proletariado.

Por que será que, hoje, não havendo em Lisboa as fabricas colossaes, fumarentas, devoradoras de carne humana, que ha na sombria Manchester, na enublada Londres, em todas as cidades do capitalismo e do trabalho, existem em todo o caso tanta pobreza, tão negros antros de miseria?!

Em Portugal, no passado, não era assim. Os pobres e os ricos viveram sempre em communhão fraterna. A aristocracia portugueza empobreceu dando quanto tinha aos clientes que a cercavam e, infelizmente para ella, aos parasitas que aprenderam a sugal-a e que depois de impudentemente enriquecidos pelas suas mãos perdularias lhe emprestavam com louca usura para ella poder dar mais, dar sempre.

A bonhomia, a chanternidade, uma certa fraternização entre ricos e pobres, foram sempre o lemma quotidiano das velhas casas senhoriaes.

É só hoje que os netos de feitores, procuradores, agiotas, que as destruíram e lhes usurparam os destroços, se distanceiam, com altivo desdem de *snoobs*, dos que são pobres e humildes.

A Duqueza, nesse ponto, herdára intacta e pura a tradição christã da nossa aristocracia de sangue.

Os criados para ella eram um prolongamento da

familia, os pobres eram seus irmãos a quem se devia valer sempre.

Se eu tivesse espaço contaria mil deliciosas cousas d'ella que eram o encanto de quem as sabia.

Quantas horas velou ao pé da cabeceira dos seus criados doentes! Um d'elles havia que, no egoismo feroz dos moribundos, só tomava os remedios pela sua mão. E ella, doente embora, lá ia meigamente ministrar-lh'os, sorrindo enternecida da teimosia do doente, a quem não faltavam os menores requintes do tratamento, aquelles que só podem ter os ricos d'este mundo.

Mas, as condições do nosso meio, tendo variado muito, esta caridade por assim dizer particular, individual, não bastava já, pensou ella!

Valia a todas as desgraças que conhecia, mas as desconhecidas, as longiquas, as que não tem voz, mas tem deleterio e corruptor effeito em todo o corpo social?...

A miseria humana subia em Lisboa como uma maré impetuosa e avassaladora... Das provincias assoladas, dos campos suburbanos, acudira á Capital uma multidão incontavel e faminta. Vinham pedir trabalho.

Encontravam-no ás vezes temporario, outras vezes não o encontravam, e cá se deixavam ficar, nos pateos, nas vielas, nas alfurjas, nos caes da grande cidade maritima, uivando imprecações, remoendo coleras,

passeando esfarrapados e mãos, a sua ociosidade e a sua fome.

Miseria quer dizer odio, brutalidade, revolta, ignorancia; perdição para a mulher, corrupção para a creança...

E a Duqueza, depois de visitar e de estudar detalhadamente nos grandes centros industriaes da Europa o funcionamento e a engrenagem das «Cozinhas Economicas», deu ao operariado portuguez essa obra magnifica de uma significação e de um alcance incalculaveis e soberbissimos!...

Era a sua «obra» por excellencia, a que ella amava com extremos de mãe e de creadora.

Ella que em todo o caso já fundára o *hospital para creanças* do Rego, e já se affirmára em muitas obras de Assistencia, importantissimas!

Todo o esplendido e custoso material das «Cozinhas» foi ella que o forneceu, e as grandes sommas que consagrou a essa obra social nada são, apezar de avultadissimas, comparadas com o que lhe dava da sua alma, do seu tempo, da sua intelligencia.

Foi ahi que ella sentiu pulsar o coração, ás vezes louco, mas quasi sempre bom, do triste povo portuguez. Falava largamente a todos, com todos communicava, movida pelo seu grande amor dos desgraçados!...

Elles sentiam quanto era nobre, bom e generoso aquelle coração de mulher, que se dava á miseria, n'um holocausto permanente; ella sabia que as almas portuguezas podem andar allucinadas e transviadas sob a direcção dos «mãos pastores», mas pertencem todas a este povo heroico e resignado, de cujos feitos admiraveis estão cheias as paginas da nossa grande Historia!...

Assim é que se educa uma nação, mas não póde, apesar de tantos instrumentos materiaes, moraes, intellectuaes de que dispunha, educal-a uma mulher só!

Oh! se muitos a seguissem, a imitassem, lhe perpetuassem o sublime exemplo!

Não é em tão pequeno espaço que se julga uma personalidade d'esta grandeza.

Tenho escripto tanto, e vejo, ai de mim! que disse pouco, tão pouco!

Fallei das suas qualidades moraes, do seu talento artistico, mas não esbocei, não apontei sequer o que ella era como senhora de sociedade, como dona de casa, como mulher de familia, no alto e profundo significado d'estas trez missões tão importantes, sobre tudo na região em que ella nasceu e se movia.

A sua casa era um modêlo de elegancia e de ordem; reinavam n'ella a disciplina e a correcção mais perfectas, e comprehende-se quanto este resultado adquirido presuppõe de espirito energico e organisador em quem dirige uma casa tão vasta e um pessoal tão numeroso.

O seu luxo tanto se espiritualisava de arte, que parecia sempre uma alta obra esthetica, nunca uma estéril representação de opulencia.

Uma festa que ella organizava—e as suas festas de caridade eram triumphos pessoaes, pois demonstravam a sympathia que todas as classes sociaes lhe consagravam, a sua popularidade rara;—um jantar a que pre-

sidia, um baile em qualquer das suas bellas residencias: ou fosse no Rato, museu de arte onde estão representados superiormente, os nossos esculptores, pintores, ceramistas, marceneiros, forjadores de ferro, decoradores, e onde as obras primas estrangeiras nos maravillham e deslumbram; ou fosse na casa de Cascaes, exemplar caprichoso de architectura ingleza, construido junto ao mar, que lhe salpica de ondas de espuma os terraços de granito; ou fosse em Cintra, entre as riquezas paradisiacas d'aquella vegetação, que é um prodigio, e que ella sabia aproveitar como elemento decorativo incomparavel;—uma festa em casa d'ella era sempre um acontecimento marcado pelo cunho singular do seu gosto educado, inventivo, cheio de seducção penetrante. Não esquecia mais.

Como ella amava as flôres! Que amor tão intelligente e fino era aquelle que a fazia viver rodeada d'ellas como de amigas, com quem se entendia e que a entendiam!

Esse amor das flôres era um dos seus encantos! A gente encontrava-as aos cardumes, n'uma doida orgia de côres ou n'uma harmonia mysteriosa de tons, resaltando no fundo delicado e leve das avencas rendilhadas, das verduras pallidas ou vivas, em cada sala das suas, em cada compartimento, em cada janella!

E não se julgue que ella gostava só das orchideas mysteriosas, das rosas de falsas tinctas japonezas, extranhas como um artificio, dos crysanthemos colossaes, da flóra aristocratica das estufas; não! Assim como na especie humana a enterneciam de preferencia os humildes, assim no seu amor das flôres preferia os lindos exemplares dos nossos antigos jardins, que o buxo di-

vidia em geometricos canteiros e onde se respirava o cheiro dôce e caricioso da baunilha, dos cravos, do jasmim, da madresilva, das rosas de todo o anno, de graça fragil, melindrosa... Até da urze brava ou das florinhas da charneca ella sabia ensinar os seus jardineiros a tirar effeitos decorativos de singular poezia.

O seu gosto, que communicava aos que a serviam, era individual, caracteristico, muito seu, e de mais ninguem!

Com o corpo diplomatico, que, nas suas funcções de Camareira Mór, recebia e festejava, conversava fluentemente na lingua respectiva de cada Legação.

Como viajasse frequentemente e tivesse vivido em Londres, em Paris, em Roma, conhecida e apreciada pela aristocracia e pelos artistas de cada capital, a sua conversação era sempre interessante, variada, ligeira e substanciosa ao mesmo tempo.

A sua alta cultura correspondia ao seu alto engenho.

A Familia que adorava, pagava-lhe essa adoração devotada no mais ardente culto. Como elles, os que eram tanto d'ella e para ella, se sentem hoje como que mutilados no quinhão mais nobre e mais perfeito do seu sêr organico! Que o diga o seu tão nobre marido, que o diga a filha incomparavel, e todos que de mais perto lhe pertenciam.

Falta a grande figura, a grande cabeça, o grande coração que tudo animava, que a tudo impunha vida.

Era a Duqueza uma individualidade europêa, apesar de ser e de querer ser só portugueza e portugueza de lei! Para se conhecer que o era, bastava ouvir-lhe, n'aquella voz de modulações deliciosas, na maneira despretençiosa de conversar, as palavras bem nossas, os geitos de exprimir-se, os adagios populares, os *ditos* dos nossos antigos, que merecem o desdem de muitos nobres de moderna data.

Quem pôde substituir uma personalidade d'estas? Que elaboração lenta de lentas e seculares civilisações não é necessaria, para chegar a crystallisar-se n'uma creatura assim, harmoniosa na variedade riquissima dos seus aspectos, una na complexidade das forças interiores que a organisaram?

Felizes os que tiveram a fortuna de a conhecer e de a amar!

A consolação de lhe guardar n'alma a imagem radiosa, compensa, dulcifica a dôr pungente de a perder.

Villa D. Pedro — Cascaes.

5 de setembro 909.

Mãe Amalia Vaz de Gouveia





